

UM

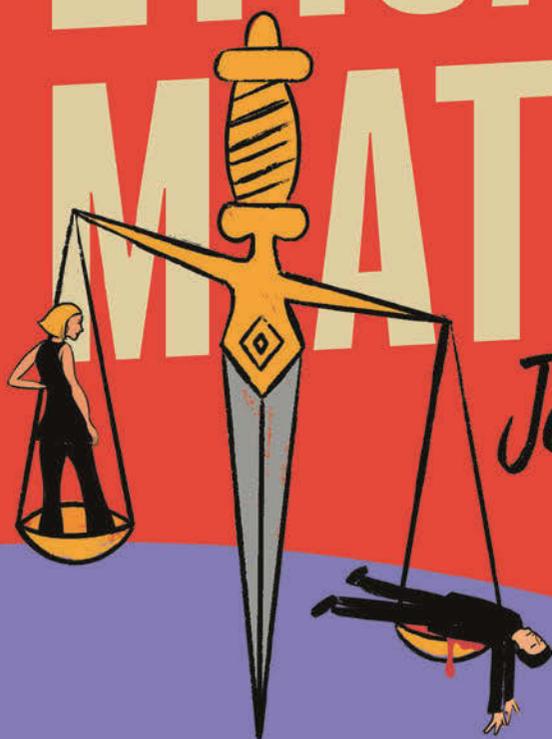
Se tivesses o poder de decidir quem vive e quem morre, o que farias?

CÓDIGO DE

ÉTICA PARA

MATAR

Jenny Morris



TOP
SEL
LER

Para a Caroline, que merecia viver para sempre.

Capítulo 1

Nunca quis matar ninguém, mas não posso apenas deixar morrer pessoas boas quando tenho o poder de as salvar. Tudo o que posso fazer é tomar as minhas decisões de forma tão justa e tão ética quanto possível.

Tenho um pressentimento terrível de que a Ruth vai morrer hoje.

Estamos sentadas à mesa da cozinha, a beber sumo de laranja acabado de espremer e a comer cereais. A Ruth está absorta a ler o *British Medical Journal*. Eu estou a fazer scroll pelo TikTok.

— Passa-me os *Cheerios*, por favor — peço-lhe.

Ela levanta os olhos daquilo que está a ler, um pouco atordoada. Demora alguns instantes a perceber que os *Cheerios* estão mesmo de baixo do seu nariz.

— Desculpa, aqui tens.

Pego na caixa, roçando acidentalmente na mão dela, e é então que acontece. É como um choque provocado pela eletricidade estática, mas em esteroides. Um murro de alta voltagem no coração. E fico com a certeza irracional, mas ainda assim inegável, de que a minha melhor amiga de há dezassete anos vai morrer. Esta noite. Às 23:44. Quando ela me tocou, a data e a hora apareceram no formato de um relógio digital, apenas uma vez, num clarão de luz cravado nas minhas pálpebras.

Deixo cair a caixa e os círculos crocantes espalham-se pelos mosaicos beges.

— Thea, estás bem?

Pestanejo violentamente, várias vezes, para tentar verificar a hora estimada da morte da Ruth. Nada, só escuridão. Depois verifico quantos dedos tenho. Cinco em cada mão. Verniz verde lascado semi-intacto.

Sinto um ligeiro cheiro a torradas queimadas, mas, tirando isso, está tudo bem. As pessoas não preveem a morte enquanto comem *Cheerios* ao pequeno-almoço. Isto é apenas o que acontece quando se combina uma imaginação hiperativa com a privação de sono. É ainda menos convincente do que aquela vez em que acordei com a certeza de que não era uma advogada falhada, mas sim a Amal Clooney, e que o George estava lá em baixo a preparar-me um belo *Nespresso*. Não tive essa sorte.

Agacho-me e começo a recolher os *Cheerios* de volta para a caixa.

— Sim, tive uma sensação estranha... mas não me liguês. Estou cansada. Nada que uma boa noite de sono não resolva.

— Ah, estou a ver, isto é um estratagema para te safares de hoje à noite, não é? — Ela sorri. — Bem, não vou cair nessa. Receita paracetamol, água e uma sesta rápida antes de sairmos.

Esta noite, depois do trabalho, vamos celebrar o fim do estágio da Ruth, o que significa que ela é agora uma médica devidamente qualificada. É o culminar de cinco anos da licenciatura em Medicina e estou determinada a que ela aproveite cada segundo. Abano a cabeça, tentando livrar-me dos resquícios da minha ilusão temporária.

— Nem pensar, vai ser uma noite ótima. Está tudo completa e perfeitamente, cem por cento bem.

O meu escritório fica no centro de Londres, a duas viagens de metro e a uma curta caminhada do meu apartamento. Sou uma pessoa constantemente atrasada, e hoje estou fiel a mim mesma. A culpa não é minha. Tenho um latejar no fundo do cérebro com que o paracetamol não consegue lidar. Fico parada num torniquete a tentar usar o meu cartão de pontos do café como se fosse o passe durante alguns minutos até que um simpático cavalheiro mais velho, saído de um romance de

Dickens, me ajuda. E esqueci-me do meu cartão de acesso e tenho de pedir à receção que me deixe entrar no edifício. Eles insistem em verificar a minha identificação — o que, claramente, só fazem para marcar uma posição, porque esta é a quinta vez este mês que me esqueço do cartão.

Trabalho nos Recursos Humanos. Num banco. Depois de dar esta informação, nunca ninguém me perguntou o que isso envolve. O escritório está distribuído por um grande piso em *open space*. Há longas filas de secretárias na parte central e salas com paredes de vidro de cada lado para reuniões e gabinetes do pessoal sénior. A nossa equipa ocupa uma das secretárias e um pequeno pedaço de parede que a minha chefe, a Zara, cobriu com um enorme quadro branco. Dividiu-o em colunas, cada uma encabeçada por um nome e com uma lista de tarefas por baixo. Sob o meu nome, metade das tarefas desta semana estão assinaladas como feitas e as quatro caras carrancudas que a Zara desenhou olham fixamente para mim. Neste momento, estou em mau lençóis porque aprovei um anúncio de emprego para um *conselheiro terrorista* em vez de *conselheiro antiterrorista* (ao que parece, temos de nos certificar de que não estamos acidentalmente a financiar o Isis. Acontece). Admito, não é uma boa imagem para a empresa. E a repercussão que teve nas redes sociais não foi a ideal. Mas também foi basicamente uma gralha e não justificava que ela me chamasse uma perda de tempo e energia.

— Estás atrasada... outra vez — diz a Zara. Levanta-se e, com um marcador vermelho, acrescenta uma quinta cara carrancuda que parece ainda mais zangada do que a anterior.

— Desculpa, posso ficar até mais tarde se quiseres.

— E tenho a certeza de que adorarias dizer à Ruth que te fiz chegar atrasada à nossa saída hoje à noite. Compensa mas é o tempo ao almoço.

Numa infeliz reviravolta dos acontecimentos, a Zara é a outra melhor amiga da Ruth. Não sei bem porquê. Namoraram dois meses, há três anos, antes de a Zara ter a audácia de dar com os pés à Ruth. E não consigo ver que tenham muito em comum além do dinheiro de família. No entanto, aqui está ela, uma constante em ambas as nossas vidas, mais teimosa do que um fungo numa unha do pé.

Em sua defesa, ela é também a razão pela qual eu tenho sequer um emprego. Um favor feito à Ruth, mais do que qualquer tolerância subjacente para comigo, embora eu não seja totalmente ingrata. Por isso, mordo o lábio, baixo a cabeça e concentro-me em rever as avaliações de saúde mental dos funcionários. Sem olhar, sei, palavra por palavra, o que as avaliações vão dizer: estamos todos terrivelmente stressados, por isso parem de acrescentar workshops de *mindfulness* aos nossos horários já sobrecarregados e digam aos informáticos para pararem de «melhorar» o sistema financeiro. Dou um bom avanço à compilação das respostas e, à hora de almoço, já me esqueci completamente dos acontecimentos desta manhã.

Depois, pedem-me para assinar uma entrega. A mulher enfia-me uma caneta na mão e o mesmo choque sobe-me pela coluna. *Dez anos*. Ela vai morrer às 15:04 do dia 2 de agosto. Retiro a mão com brusquidão. É exatamente o mesmo. Eletricidade. Data e hora. Torradas queimadas.

Hum, talvez esteja a ter um AVC?

O meu único e preferido amigo do trabalho, o Eli, ajuda-me a pesquisar os sintomas no Google e excluímos a hipótese de AVC. Mas há definitivamente qualquer coisa que não bate certo. Nesta altura, assumo que o meu corpo está a preparar um elaborado plano psicossomático para escapar a uma noite com a Zara. Não vou deixar que esta sensação claramente irracional, mas ainda assim horrível, como se algo estivesse a queimar um buraco no meu estômago, estrague a noite da Ruth. Por isso, despacho as minhas tarefas essenciais, vou para casa e enfio-me logo na cama. Não se pode ter pensamentos paranoicos intrusivos quando se está inconsciente. Embrulha, cérebro.

A minha vitória é de curta duração, porque me esqueço de pôr o despertador e durmo até às nove da noite, altura em que a Ruth me acorda batendo à porta.

— Thea, estás pronta?

— Quase — minto, tentando não praguejar enquanto despego as minhas pestanas cheias de rímel, que se colaram enquanto estive a dormir.

— O táxi chega daqui a cinco minutos.

Atrasamo-nos a sair porque não consigo decidir o que vestir. A Zara está sempre vestida da cabeça aos pés com roupas de marca. Saber que ela vem connosco faz-me olhar para o conteúdo do meu roupeiro e perguntar-me por que razão escolho vestir-me como uma criança de 7 anos. Sou como uma andorinha que se distrai com cada lanzejoula e padrão que vejo e, como tal, demoro uma eternidade a encontrar um vestido azul inofensivo, collants — porque estamos em janeiro — e umas botas de salto alto. As botas são meio tamanho acima (nos saldos, não podia dizer que não), por isso também preciso de meias. Infelizmente, o único par que consegui encontrar tem tubarões-martelo com chapéus de festa e a frase «Vamos apanhar uma mocada». Estou a esforçar-me, tubarões, estou a esforçar-me.

Encontramos a Zara e mais duas amigas da Ruth num bar na Clapham High Street chamado Supernova. A Zara claramente já bebeu uns quantos copos, porque a única coisa que me diz é: «Até nem estás mal.» E fico contente por ter enfiado as meias com os animais para dentro das botas.

O Supernova é uma gloriosa celebração de música disco e da piroseira. É basicamente obrigatório comprar os bastões luminosos, estupidamente caros, que vendem no bar. Antes de morrerem, os meus pais criaram-me com uma dieta saudável de música pop dos anos noventa (do lado da minha mãe) e rock dos anos setenta (do lado do meu pai). Normalmente, adoro exibir o meu extenso conhecimento lírico e coreográfico dos S Club 7 e dos Queen, mas esta noite os meus velhos favoritos perderam o brilho.

Cada vez que esbarro em alguém na pista de dança, a sua hora e data da morte passam-me pela cabeça com mais intensidade do que as luzes de néon do bar. A mulher de vestido vermelho que não para de fazer movimentos libidinosos: *vinte e cinco anos*. O homem que observa timidamente a mulher dos movimentos libidinosos a partir do extremo oposto da sala: *quinze anos*. O casal que se está a usar mutuamente como escarradeiras humanas: *cinco e cinquenta anos*.

São 23:27. Estou a transpirar, mas os pelos dos meus braços estão eriçados. Já não se trata de uma bizzarria divertida e, embora esteja ciente de que acreditar em tudo isto faria com que me pudessem

internar num manicómio, não consigo afastar a voz duvidosa que me diz: *E se? E se estiveres enganada e isto for real, e se a Ruth cair morta às 23:44?*

Mantenho os olhos firmemente cravados na Ruth, como se nada de mal lhe pudesse acontecer enquanto ela estiver no meu campo de visão. E relembro-me de que não há razão para pensar que algo vai realmente acontecer. Ela é o retrato da saúde: pele luminosa e caracóis castanho-mel a brilharem sob a luz néon. Continuo a abanar-me ao ritmo da música o melhor que consigo, mas estou a ter dificuldades, porque as minhas meias estão a amontoar-se — empurrei-as demasiado para baixo na minha tentativa de as esconder da Zara. Aproveito uma pausa na música para me baixar e puxá-las para cima. Antes de conseguir fazer isso, a Bruxa Má em pessoa vira para o lado errado e choca comigo, deixando cair a vodca de arando na pista de dança.

— Mas que raio, Thea? O que estás a fazer? — A Zara levanta as mãos com ar incrédulo, como se fosse *eu* que estivesse errada, quando é a bebida dela que está a encharcar os meus collants.

As outras pessoas estão a olhar para nós. Esgueiramo-nos pelo labirinto de corpos e encontramos um sítio mais calmo para respirar. Nenhuma de nós fala durante algum tempo.

Eu quebro o silêncio primeiro.

— Foi um acidente.

— Contigo, é sempre um acidente, Thea.

— Não é suposto haver bebidas na pista de dança. A culpa não foi minha.

A Zara suspira.

— Se não fosses tão descuidada, talvez não cometesses tantos erros.

Claro que eu devia saber que a Zara não ia conseguir esquecer o incidente do *conselheiro terrorista*, nem que fosse por uma noite.

— Foi uma porcaria de uma gralha. E já pedi desculpa.

— Foi visto por milhares de pessoas. Fazes ideia de como isso foi embaraçoso para a empresa e para mim?

Não sei bem que mais possa dizer. Felizmente, a Ruth interpõe-se.

— Então, miúdas, tudo bem?

A Zara abana a cabeça.

— Não consigo lidar com ela. Vou buscar outra bebida.

— Desta vez, não a deixes cair — digo, apreciando a liberdade de espicaçar o urso, sabendo que ele não se vai virar e morder-me à frente da Ruth.

— O que é que aconteceu? — pergunta a Ruth.

— Nada, mas gostava de apanhar ar.

Cerca de quinze pessoas, em vários pontos do espectro da embriaguez e do desacato, aglomeram-se na zona vedada para fumadores. Mesmo assim, está pacífico. Comparado com o cheiro almiscarado de transpiração do bar, o fumo parece fresco, e o zumbido da conversa mantém-se baixo porque as pessoas fazem pausas para inalar os seus cigarros.

Um tipo mais ou menos da minha idade cambaleia até nós. Os seus olhos estão completamente vidrados e parece que está a esforçar-se muito para os focar em nós.

— Têm um cigarro?

— Não, desculpa — diz a Ruth.

Só viemos para a rua para descansar. A Ruth não fuma porque dá valor à sua saúde. Eu simplesmente não tenho dinheiro para isso.

O tipo continua:

— Vá lá, aposto que têm.

— Não temos cigarros — digo, num tom incisivo.

— Tudo bem, só estava a perguntar, não é preciso armares-te em cabra por causa disso.

Deixo passar porque ele tenta logo outra pessoa.

— Otário — digo, baixinho, à Ruth.

— Ele é porreiro, na verdade, é só mau bêbedo. A Zara conhece-o — diz a Ruth.

— Hum, um amigo da Zara, ótimo.

Ela lança-me um olhar conhecedor.

— Acho que me lembro de teres prometido que ias ser simpática, não?

— Foi ela que começou — digo, sem me importar com o facto de parecer infantil. — Esquece, vou deixar de trabalhar para ela daqui a pouco tempo, por isso não vamos ter nada para discutir.

Surpreendentemente, trabalhar nos Recursos Humanos para alguém de quem não gosto muito nunca foi o meu sonho. Mas como chumbei no exame da Ordem, tive de me desenrascar. Os RH pareceram-me suficientemente próximos do Direito, por isso pensei que seria um bom ponto de partida.

— A sério? Isso é ótimo! Já tens uma entrevista?

— Bem, não, mas inscrevi-me num *webinar* sobre vias alternativas de acesso à advocacia que parece muito bom.

— Um *webinar*?

— Estás a fazer uma careta.

— Eu conheço-te, Thea. Não podes falhar se efetivamente não tentares. Também sei que, se efetivamente tentasses, tu conseguirias. A Zara tem ótimos contactos no mundo jurídico. Tenho a certeza de que te ajudaria.

— Tens razão, ela adoraria ver-se livre de mim.

Ela esboça um sorrisinho e depois fica calada, antes de dizer:

— Obrigada por teres vindo. Sei que não és lá grande fã da Zara, mas está a ser uma noite ótima e é muito importante para mim ter todas as minhas amigas juntas.

Estou a pensar dizer algo simpático quando reparo no relógio da Ruth.

23:44.

— Já são estas horas?

— Sim, mas está dois minutos adiantado. Estou a ver se me consigo habituar a chegar cedo a todo o lado antes de começarem os meus turnos no hospital na semana que vem.

Ela é interrompida por um grito. O segurança fica atento, mas parece não conseguir localizar a origem do problema. Recebo uma cotovelada nas costas e reparo que o otário de há pouco — aquele que pediu um cigarro — está a meter-se com um tipo muito maior do que ele. Parece um chihuahua insuflado que se envolveu numa luta com um rottweiler. Cães pequenos como este nunca sabem quando parar. Ele dá um murro que parece exigir toda a força que tem, mas apenas consegue irritar o grandalhão. O rottweiler troca um olhar rápido com a rapariga ao seu lado e manda o chihuahua a voar com um só empurrão.

Direto contra a Ruth. Ela está estatelada no chão. Não a consigo ver através do labirinto de corpos.

— Saiam da frente! — grito-lhes e atiro-me para o lado dela. Um caco de vidro no chão atravessa os meus collants e crava-se-me no joelho. A picada faz-me estremecer, mas ignoro-a.

— Ruth?

Ela não reage. Há sangue no único degrau de betão que dá acesso à discoteca, sangue no asfalto debaixo da cabeça dela e sangue a escurecer os seus caracóis castanho-mel. Toco-lhe no pulso para lhe ver a pulsação, e está lá, mas sinto a verdade no fundo dos meus ossos: ela está a morrer. Restam-lhe menos de dois minutos.

O segurança desapareceu, seguramente foi a correr chamar os polícias que ficam de plantão à porta do Supernova nas noites de sexta-feira, prontos a dispersar aqueles que não sabem quando devem ir para casa. Não sei quando é que comecei a gritar, mas a multidão recuou, encostada à vedação metálica que isola a zona de fumadores. Já ninguém está a fumar, mas também não se atrevem a apagar os cigarros. É como se todos tivessem decidido que, se ficarem muito quietos e calados, o tempo há de abrandar e tudo vai ficar bem.

Olho de pessoa em pessoa, à espera que uma solução apareça por magia. Depois, vislumbro as minhas meias. As estúpidas meias com os tubarões-martelo. E dou-me conta de que isto é tudo culpa minha. Eu sabia que ela ia morrer e não disse nada, depois atrasámo-nos a sair porque adormeci e não consegui encontrar roupa normal ou um par de meias decente, depois tropecei na Zara a tentar ajustar as ditas meias estúpidas, o que nos levou a estar na zona de fumadores neste preciso momento.

A pessoa que eu mais amo no mundo vai morrer porque eu não consegui encontrar uma merda de um par de *meias* a condizer.

Alguém fura a fila e agacha-se ao meu lado — um homem, o otário da luta. A voz dele treme quando fala.

— Ela está bem? — Ele parece muito mais jovem do que há pouco. O sorriso convencido evapora-se e o peito inchado esvazia-se. — Eu não queria empurrá-la, sabes disso, certo? Foi um acidente, não tive culpa.

A Ruth ainda nem sequer arrefeceu e ele já está a tentar sacudir a água do capote. Podia esticar os braços e arrancar-lhe a garganta com

as minhas próprias mãos. Tudo para o impedir de falar. De repente, apercebo-me de que a culpa não é minha. É dele. Foi ele que começou aquela luta estúpida. Levou-a longe demais. Foi o seu corpo descuidado que deitou o dela ao chão.

A Ruth, que conheço desde a escola primária, que sempre jogou limpo e sempre viu o melhor nos outros, morta. Não consigo aguentar. O meu coração já está a contorcer-se em nós, a esmagar-me com o conhecimento do que está para vir: o luto, a dor, a perda. Não consigo sobreviver a isso. Outra vez, não.

Um minuto.

O otário que está prestes a tornar-se o assassino da Ruth estende a mão e agarra-me no braço.

— Diz qualquer coisa, por favor!

Sei que ele quer que eu lhe diga que está tudo bem, que ele não matou a minha melhor amiga, como se eu me interessasse minimamente pelo que lhe possa acontecer a ele. Mas olho para a sua mão no meu braço e a mesma sensação de pavor apodera-se de mim: ele tem cinco meses de vida. São mais cinco meses do que a Ruth.

O que acontece a seguir é difícil de explicar porque não faço ideia do que estou a fazer. A mão dele ainda está no meu braço, e consigo sentir a sua força vital da mesma forma que sinto a respiração a encher-me os pulmões. Puxo a linha e ela solta-se. A vida dele é minha para fazer dela o que quiser. Ele retira a mão para trás de repente, olhando-me com desconfiança.

A Ruth contorce-se no chão. Imagino o seu funeral e o abismo negro que a sua morte deixará para trás. Não a posso deixar ir.

Dissocie-me do meu corpo. Algum instinto profundo e primordial ou uma memória muscular adormecida está a guiar-me — ou, pelo menos, é o que digo a mim própria, porque tenho de acreditar que alguém que não eu está a fazer isto. Pego na mão dele, fecho os olhos e envolvo a sua vida com a minha mente. Desta vez, puxo com força. A energia percorre-me. Elétrica. Cada célula do meu corpo está viva, como se eu tivesse entrado no oceano no inverno. Então, no momento seguinte, a água acalma-se, batendo na minha pele em ondas quentes. Deixo cair a mão dele e ponho a minha no ombro da Ruth. A mesma energia flui de mim para ela. A pele dela aquece sob o meu toque.

Olho para trás, para o homem, que a cada momento que passa se parece mais com um rapaz. E, de alguma forma, apesar de não fazer nenhum sentido, tenho a perfeita consciência do que lhe tirei.

— Está tudo bem, vai acabar daqui a pouco — digo eu. Depois, acrescento num grasnido abafado: — E desculpa. Não tive escolha.

Está visivelmente mais pálido, mas deixa cair a cabeça nas mãos e solta um suspiro de alívio.

Tudo isto acontece no tempo que o segurança leva a chamar a polícia. A vedação de metal raspa quando o segurança a puxa para trás. A polícia afasta a multidão. Um paramédico põe-se ao lado da Ruth e pede-me para lhes dar algum espaço. Os olhos da Ruth abrem-se. Ela respira superficialmente e tenta levantar-se.

— Fique deitada — diz o paramédico. — É importante que não se mexa até a examinarmos.

Há uma mancha de sangue no cimento, mas não conseguem encontrar a ferida na cabeça.

O rapaz, o presumível assassino da Ruth, vira-se, claramente à procura dos amigos. Dá um passo na direção deles e depois as suas pernas fraquejam. Parece que alguém lhe bateu com um taco nos joelhos, só que não há ninguém perto dele. Ele cai e fica imóvel. Um dos paramédicos corre para o seu lado, depois o segundo, deixando a Ruth entregue a si própria. Tentam a reanimação durante vários minutos, continuando as suas tentativas rítmicas de lhe salvar a vida, até que um estalido ecoa pelo ar. Uma costela. Digo-lhes que não vale a pena. Ele está morto. Foi-se no momento em que lhe toquei.

Capítulo 2

Não há uma razão única que justifique que alguém mereça morrer. Mas quantos mais itens da minha lista forem riscados, melhor. Bem, não melhor para eles, obviamente...

O nosso apartamento está silencioso. Assim que acordo, só consigo pensar na minha cabeça a latejar enquanto tento percorrer os três metros que separam o meu quarto da cozinha. Ligo a chaleira, encosto-me à bancada, vejo a água a ferver e tento não vomitar nos nossos bonitos e limpos mosaicos.

É como qualquer outro sábado de manhã. Depois, lembro-me da noite passada. A Ruth. Morta.

O meu coração, já em esforço enquanto tenta processar o álcool da noite passada, faz horas extra e sinto-o a bater contra o meu peito. Subo atabalhoadamente as escadas até ao quarto da Ruth, usando as mãos como patas dianteiras para me equilibrar. Levanto o braço para bater à porta, mas depois paro. Não consigo ouvir nada. Talvez ela afinal esteja morta e tudo o resto tenha sido o meu cérebro a construir uma nova realidade com a qual consiga lidar. Se não bater à porta, pode ser que não esteja morta. Mas também pode ser que não esteja viva. É como aquela coisa estúpida do gato numa caixa que a Ruth me tentou explicar uma vez.

Bato à porta e chamo baixinho, com medo da resposta.

— Ruth?

— Estou acordada, entra.

Abro a porta e lá está ela, encostada à cabeceira da cama com um sorriso sonolento no rosto, mas bem viva e de boa saúde. Respiro e parece que é a primeira vez que o faço verdadeiramente desde que acordei. É então que reparo no estado do quarto dela. Normalmente, parece o interior de um anúncio do IKEA, mas hoje as suas roupas estão espalhadas pelo chão e há um copo tombado na mesa de cabeceira.

— Como é que te sentes? — pergunto-lhe.

— Exausta. E tu?

Esboço um sorrisinho.

— Cá estamos.

— Não consigo parar de pensar no Greg — diz ela. Como não respondo, acrescenta: — O tipo de ontem à noite.

Greg. Ficar a saber o nome dele torna tudo muito pior.

A Ruth continua:

— As pessoas só falam disso na conversa de grupo. Não me tinha apercebido de como era um tipo porreiro. Costumava fazer voluntariado todos os verões na...

É estranho como as pessoas de repente se lembram das coisas boas. As lentes do luto fazem-nas perdoar qualquer coisa, mas tudo o que consigo imaginar é o idiota que se embebedou e começou uma luta numa área fechada e cheia de gente. Não quero ouvir mais nada sobre ele. *Preciso* de não ouvir mais nada. Um rapaz morreu de ataque cardíaco — trágico, mas não tenho nada que ver com isso.

— Que tristeza. Um acidente tão horrível — comento.

A Ruth afasta o cabelo para trás e volta com a mão atrás ao sentir uma madeixa com sangue seco nos caracóis.

— Sabes, ainda não me lembro bem de ontem à noite. O que é que aconteceu mesmo?

Encolho os ombros.

— Não sei dizer. Álcool, certo?

— Certo.

Não estou a mentir em relação à ressaca, é um milagre lembrar-me sequer de alguma coisa. A dor de cabeça e as náuseas já são suficientemente más, mas é o frio que me está realmente a afetar. É estranho.

Normalmente, acordo toda agitada, com o meu corpo a transpirar para eliminar as toxinas, mas hoje estou gelada até aos ossos. Como se alguém me tivesse sugado toda a vida.

Esgueiro-me para a porta e digo:

— Vou fazer café. Queres um?

A Ruth murmura uma resposta, mas saio porta fora antes que ela me possa arrastar de novo para uma conversa sobre a noite passada. A Ruth está viva, e é só isso que importa.

Passo o resto do fim de semana a tentar reprimir a noite de sexta-feira. Sempre que a Ruth fala no assunto, digo que não me lembro e mudo de assunto. E funciona. Começo a acreditar que o que eu pensei que tinha acontecido não passou de um produto do álcool e de uma imaginação hiperativa. Essa é a explicação mais lógica — a única explicação. No domingo à noite, estamos ambas concentradas na semana que se segue. A Ruth vai começar a trabalhar na unidade de cuidados intensivos e eu também vou ter uma semana ocupada. Em breve, a noite de sexta-feira não será mais do que uma recordação difusa.

De volta ao mundo real, estou a chegar ao fim do período experimental e, à falta de alternativa, gostaria de manter o meu emprego. Alguém tem de financiar os meus cafés. Na segunda-feira de manhã, escolho a blusa creme mais aborrecida que tenho e calças azuis apenas com um ligeiro padrão. Forço o meu desajeitado cabelo louro num coque, apesar de ser demasiado curto para ficar bem levantado e de ser preciso meio pacote de ganchos para esconder todas as madeixas teimosas que escapam. Detesto usá-lo assim, mas a Zara está sempre a comentar a importância da aparência. Normalmente, olha diretamente para mim quando diz isso.

Depois da nossa discussão na sexta-feira à noite, estava à espera do pior da parte dela. Mas começa o dia a limpar a minha coleção de carncas vermelhas do quadro.

— Vamos começar do zero esta semana, pode ser? — diz ela, tentando um pequeno sorriso. Isso humaniza-a um pouco. Entre o rabo de cavalo bem apertado e o fato preto justo, o seu lado mais suave fica normalmente escondido.

Os outros chegam alguns minutos depois. O Eli, o meu companheiro do crime no escritório; o David, que se reformou no ano passado e depois voltou a trabalhar a tempo parcial (acho que gosta apenas de ter uma razão para sair de casa); e a Kate, uma mãe de dois filhos, alguns anos mais velha do que eu.

A Zara atribui tarefas para a semana. Estou encarregada da folha de pagamentos. A pior tarefa de todas, porque é ao mesmo tempo importante e incrivelmente aborrecida. No entanto, gostaria de passar o período experimental, por isso digo à Zara:

— Obrigada, estou entusiasmada por começar a trabalhar num projeto tão importante.

Tenho a certeza de que ela consegue ouvir a minha falta de sinceridade, mas parece satisfeita com a minha resposta. Talvez o trabalho seja só isso: fingir que não odeio cada segundo com todas as fibras do meu ser. Continuo focada no nosso briefing matinal, a fazer perguntas e a responder às suas sugestões. No final, tenho uma cara sorridente verde no quadro e o Eli olha-me com desconfiança. Terminado o briefing, os outros regressam aos respetivos computadores.

A Zara tem de ir para outra reunião, mas, antes de sair, chama-me.

— Thea, queria agradecer-te por teres despachado tudo como deve ser na sexta-feira antes de saíres, apesar de não te estares a sentir bem. Desculpa por me ter passado contigo no bar. Às vezes, é difícil estabelecer os limites profissionais e pessoais, mas vou esforçar-me mais. A vida é demasiado curta para guardar rancores.

A minha alma está parva. Quem é esta adorável extraterrestre que se apoderou do corpo da Zara, e como é que eu a mantenho por cá? Ela até está a comportar-se de forma diferente. O nariz menos empinado, a postura menos agressiva.

— Não faz mal, eu é que peço desculpa por ter feito asneira com o anúncio do emprego. Pareces um pouco... diferente hoje. Está tudo bem?

Ela suspira.

— Estou um bocado fora de mim depois de ter perdido o Greg. Foi um choque tão grande.

Estremeço ao ouvir o nome dele, como se ela me tivesse batido. Claro, eles eram amigos. Greg, o rapaz que posso ou não ter matado. De repente, a noite de sexta-feira não é uma memória difusa. Está

a regressar à minha cabeça em alta definição. Lembro-me da forma como as pernas dele cederam, o estalar das costelas enquanto morria.

— Lamento — digo, com toda a sinceridade. E, sem pensar, estendo a mão, dou-lhe um aperto reconfortante no braço, e a minha frágil ilusão de normalidade é desfeita pela data da morte dela, que passa como um relâmpago na minha visão. *Restam-lhe sessenta e cinco anos.*

— Foda-se — digo, em voz alta, a todo o volume.

— *Tu estás bem?*

— Sim, é só que é tão triste, não é? Ele era tão jovem.

— Sim, é mesmo. — Ela está a anuir vigorosamente com a cabeça, como se eu tivesse dito alguma coisa profunda. Depois, retribui o aperto. — Obrigada, Thea. Até logo.

A negação não é uma estratégia eficaz nesta situação. Não consigo impedir que as pessoas me toquem e, sempre que o fazem, lembro-me de que a Ruth quase morreu... e de que também posso ter matado o Greg para a salvar. Mas, mesmo assim, o que é mais provável? Que eu tenha uma capacidade sobrenatural ou que tenha enlouquecido? Se eu tivesse efetivamente passado no exame da Ordem e me tivesse tornado uma advogada a sério, trataria isto como um caso e reuniria provas para chegar à verdade. Portanto, é isso mesmo que vou fazer. Até agora, previ corretamente a morte numa ocasião. Para provar que isto é real, tenho de o fazer novamente. E, de preferência, uma terceira vez, só para ser rigorosa.

Começo a minha caça na viagem de metro para casa. Vejo uma senhora idosa sentada junto às portas da carruagem, debruçada sobre um carrinho de compras de plástico xadrez. A sua pele parece couro seco e faltam-lhe vários dentes. Perfeito. Sigo-a até à última estação, quando finalmente se põe de pé, apoiando-se no carrinho de compras. Está a demorar muito tempo. As portas começam a apitar. Mas não faz mal, estou mesmo atrás dela.

— Espere, deixe-me ajudá-la — digo eu, levantando o carrinho de compras e dando-lhe o meu braço.

Vinte e dois anos. Credo, ela já é um esqueleto ambulante. Como raio é que vai viver mais vinte e dois anos?

— Obrigada pela ajuda — diz ela com doçura, fazendo-me sentir um pouco culpada pelas minhas observações internas. — Será que me poderia ajudar a subir as escadas?

É por isso que não ajudo as pessoas. Fazemos uma boa ação e depois não nos largam.

— Claro, com todo o gosto — digo, apesar de ela não me servir para nada.

Pelos vistos, encontrar alguém que está prestes a cair morto é mais difícil do que se possa pensar. Passo os meus intervalos de almoço e as minhas noites a seguir pessoas idosas, como aqueles gatos que conseguem pressentir a morte. Foi isso que me deu a ideia de visitar o lar de idosos no fim de semana. Telefonei para vários dos que têm uma localização mais conveniente, perguntando se posso ir visitar a minha avó Mary (pesquisei no Google, nome mais comum para as mulheres nascidas entre 1920 e 1940). Não demora muito até que uma voz simpática me encoraje a «dar um saltinho quando quiser. Ela vai ficar encantada por ter uma visita».

E a Mary fica mesmo encantada. Encontro-a sentada numa poltrona de veludo vermelho na sala de estar da casa. Ela acena-me e exclama:

— Olá, minha linda menina!

Gosto muito de ouvir isso. Até que ela diz a mesma coisa a uma das cuidadoras, e ao gato malhado que entra.

Infelizmente, a Mary tem dois anos de vida. Quando os cuidadores estão ocupados a preparar o almoço, começo a explorar. Não é um mau sítio para esperar pelo fim da vida. Há um cheiro razoavelmente forte a couves, mas o local é bem ventilado, por isso, é suportável. A sala de estar tem uma televisão e uma lareira falsa, além de uma grande janela que dá para um jardim bem cuidado. Devem tratar bem dos residentes, porque todos têm um restante tempo de vida irritantemente longo. Reparei numa placa no exterior que dizia «Quarto individual disponível», por isso, devo ter acabado de perder uma oportunidade. Depois de me apresentar a vários dos residentes, dou-me conta de que a próxima vaga só surgirá daqui a seis meses.

Não posso esperar tanto tempo — sobretudo se isto for real e eu estiver certa sobre o que aconteceu na noite do acidente. A Ruth estava predestinada a morrer. O Greg, não. A Ruth está agora viva. O Greg,

não. Portanto, a minha teoria atual é que roubei os cinco meses dele e dei-os a ela. A data de morte dele é agora a dela. Quando o próximo velhote bater as botas, a Ruth já estará morta. Outra vez.

De volta à estaca zero. Vou buscar o casaco e o cachecol ao bengaleiro. Quando fecho a porta, a mulher com a voz simpática com quem falei ao telefone está à espera.

— A visita correu bem? — diz ela.

Solto um suspiro.

— Claro, foi agradável.

— Não fique muito desanimada. Eu sei que é difícil quando alguém que amamos não se lembra de nós, mas tenho a certeza de que nos reconhecem a um nível mais profundo. Continua a ser muito importante que tenha vindo.

Não é exatamente esse o problema aqui, mas é querido da parte dela dizer isso. É uma daquelas pessoas que irradia calor. Deve estar no fim da casa dos 50, ainda com as faces rosadas e um brilho nos olhos. Tem o cabelo pintado de vermelho-vivo e brincos com borboleta azuis.

— Também vou sair agora — diz ela, esticando o braço à minha frente para pegar no seu casaco amarelo brilhante. Quando me toca, dou um salto como se me tivesse batido. *Trinta minutos. Cum caraças!* Isto não devia acontecer. Eu queria observar uma morte natural, para testar a exatidão das minhas capacidades. Não consigo ver esta doçura de mulher morrer assim. Mas o que posso eu fazer? Não sei como nada disto funciona. Nem sequer sei se é real.

Caminhamos juntas até ao fim da rua, depois ela despede-se e vai na direção oposta. Espero alguns minutos e sigo-a, mantendo-me sempre uns cinco metros atrás. O que é incrivelmente difícil, porque ela caminha dolorosamente devagar. Impeço-me de encetar uma minidiatribe mental sobre isso, porque, se está mesmo prestes a morrer, pode andar ao ritmo que ela quiser. Viramos à esquerda para uma movimentada rua principal. Há pessoas a sair das lojas, dos cafés e dos restaurantes depois da torrente da hora de almoço, e estou grata pelo cabelo ruivo e pela gabardina amarela que a tornam tão fácil de seguir. *Vinte minutos.* Ainda não aconteceu nada de extraordinário. Não há nenhuma razão concreta para pensar que ela está prestes a morrer, além da lava no meu estômago. Então, quinze minutos antes da hora prevista para a

sua morte, ela desce do passeio e para junto à entrada de um café. Está virada para a parede, agarrada ao peito. Merda. Eu tinha razão. É agora. Um ataque cardíaco.

O que é que uma pessoa normal faria nesta situação? Ainda há tempo. Ambulância. Saco do meu telemóvel e ligo para o número de emergência médica. Agora, está a agarrar o outro lado do peito. É um bocado estranho, aí não tem coração. Mas é difícil dizer exatamente o que ela está a fazer com aquela gabardina enorme e aberta a tapar-me a vista. Não digo o meu nome, apenas o local e que acho que alguém está a ter um ataque cardíaco. Ela cai de joelhos. A mala está no chão à sua frente e ela inclina-se para a frente. Passam-se alguns momentos. Depois, quando desligo a chamada, ela tira o telemóvel da mala, coloca uns auscultadores com Bluetooth e continua a andar. Bolas, ela estava à procura do telemóvel, não a agarrar-se ao coração. Chamei uma ambulância porque uma mulher queria ouvir música enquanto caminhava. Sou uma idiota.

Um aroma terroso vindo do café tenta-me, por isso, decido deixar de a seguir. Ironicamente, a cafeína costuma acalmar-me, por isso, aproveito a oportunidade para atravessar a corrente de tráfego humano e agarrar na porta. Começam a ouvir-se sirenes na rua, enquanto uma ambulância se aproxima. Viro-me para olhar para ela, cheia de vergonha por ter feito com que todos os carros de uma rua engarrafada passassem para a faixa dos autocarros. Depois, há um clarão vermelho, um clarão azul e um estrondo doentio.

Deixo a porta fechar-se e avanço por entre a multidão. A cuidadora jaz num monte amarfanhado debaixo da ambulância. A minha tentativa de a salvar custou-lhe a vida. Verifico o meu telemóvel: morta à hora certa.

Também significa que tudo isto é real. Que tirei uma vida para salvar a minha amiga. E, pior do que isso, a Ruth só tem mais cinco meses para viver.

Capítulo 3

É decididamente aceitável matar o Hitler ou um canibal.

Eu e a Ruth somos amigas desde os nossos 8 anos de idade. Os meus pais tinham morrido e eu fora enviada para viver com o meu avô. E digamos que não aceitei lá muito bem a transição. O meu avô tratava muito bem de mim, mas a sua abordagem parental dava prioridade à estrutura e à disciplina em detrimento do calor e do afeto. E não é assim tão fácil fazer amigos a meio do ano letivo, quando os outros miúdos foram instruídos para serem simpáticos connosco por causa de algo que não conseguem sequer compreender naquela idade. Quando se entra em contacto com a morte em criança, isso distingue-nos. A maioria dos meus colegas de turma evitava-me completamente. Uma rapariga disse-me que me compreendia porque o gato dela tinha morrido recentemente. Outro rapaz queria saber como é que tinha acontecido e se eu o tinha visto.

Foi então que conheci a Ruth. Eu tinha acabado de ser posta na rua por ser demasiado perturbadora (aprender a tabuada do oito era muito difícil para mim) e tinha sido obrigada a ficar de castigo na biblioteca. Não há nada que me dê mais voltas ao estômago do que o cheiro a livros bolorentos. Sentei-me no canto da sala com os braços cruzados, recusando-me sequer a olhar para um livro. A Ruth estava sentada no

canto oposto da sala, com duas tranças no cabelo, debruçada sobre um manual com um estojo de vinte e oito canetas de gel coloridas e um bloco de notas roxo. A primeira vez que isto aconteceu, não falámos. Ela manteve-se no seu canto da biblioteca e eu no meu. E da segunda e da terceira vez, nada. À quarta vez, acabei por ceder.

— Porque é que estás sempre aqui?

Ela levantou os olhos, com uma tampa de caneta de gel entre os dentes.

— Estou a fazer os trabalhos.

— Porque é que não estás na aula?

— Às vezes, não me sinto bem. É mais fácil para mim concentrar-me aqui, longe de todo o barulho da sala de aula.

— Qual é o teu problema?

— É mal-educado perguntar isso.

— Porquê?

— Porque é que estás tu sempre aqui? Nunca fazes nenhuns trabalhos.

— Hum, eu sou o barulho na sala de aula — admiti. — Não tenho culpa. Os meus pais morreram.

— Oh, sinto muito — disse ela. — Eu tenho leucemia.

A minha mãe tinha sido enfermeira e ouvi-a usar antes essa palavra. Mesmo só tendo 8 anos, eu sabia que era má. E sabia que significava que a bolha de inocência da infância da Ruth tinha sido rebentada, tal como a minha.

— Porque é que te preocupas em fazer os teus trabalhos se estás doente?

— Porque quero ser médica.

Foi então que reparei no seu manual escolar. Tinha um diagrama de um esqueleto. Ao lado estava um boneco com uma bata branca, a dar uma explicação sobre o esqueleto através de um balão. Tinha um nariz enorme, o cabelo grisalho e óculos tortos.

— Bem, vais ser melhor que ele. Ele não tem ar de ser médico.

— Mas olha que é. A maior parte dos médicos são rapazes. Isso, às vezes, deixa-me preocupada. Passei tanto tempo no hospital que já fiquei para trás nas aulas.

— Sabes quem é que também passa muito tempo nos hospitais?

— Quem?

— Os médicos — disse eu.

Ela sorriu.

Da vez seguinte que a vi, roubei-lhe o manual enquanto ela ia à casa de banho. Puxei do pacote de autocolantes que tinha ido comprar à loja da esquina e folheei o livro à velocidade da luz, colando a cara de uma rapariga com tranças e sardas por cima da cara do médico, em todas as páginas, sem falhar.

Os olhos dela arregalaram-se quando voltou e se apercebeu do que eu tinha feito.

— Não podes fazer isto!

— Já fiz.

Ela tentou retirar um autocolante, mas eu tinha optado por autocolantes de qualidade superior e o papel da folha começou a ir atrás. Ela voltou a alisá-lo e ficou a olhar incrédula. Por instantes, pensei que tinha cometido um erro. Que ela estivesse zangada comigo e que agora havia duas salas na escola onde eu não seria bem-vinda, mas de repente ela soltou um ronco de riso. Uma gargalhada de porco muito alta, nada delicada. Não demorou muito para que ambas desatássemos às gargalhadas, o suficiente para nos valer um *chiu* da bibliotecária.

— Vamos, deixa-me ajudar-te com a tabuada — disse ela.

A partir desse momento, ficámos amigas. No ano seguinte, fomos colocadas na mesma turma. A Ruth sentia-se mais corajosa junto de mim; eu sentia-me mais calma junto dela. Todos os professores gostavam da Ruth. Era muito trabalhadora, calada e obediente, mas, acima de tudo, bondosa. Quando estava com ela, eu era boa por associação.

E se há uma coisa de que tenho a certeza, é que ela merece viver.

Mas quem é que merece morrer?

Lembro-me de alguém fazer uma variação desta pergunta numa festa, quando estava na universidade. Eram duas da manhã. A maior parte dos convidados tinha ido para casas que ainda não tinham esgotado o álcool, enquanto eu ficara encurralada por um estudante de Filosofia — um tipo branco com rastas, obviamente — e tive de aguentar as suas opiniões pormenorizadas sobre o tema. Agora, gostava de

lhe ter dado ouvidos, porque isto já não é uma questão hipotética e não faço ideia de como abordar o assunto.

Alguém tem de morrer. Se eu não escolher alguém, será a Ruth daqui a exatamente cinco meses e cinco dias. Esta *coisa* parece ser ativada pelo contacto da pele com pele. Estou sempre a arranjar desculpas para lhe tocar, para ter a certeza, e é sempre a mesma coisa. Não sei onde, não sei como, só sei quando. A Ruth está a precipitar-se para a morte. É aparentemente inevitável, só que ela já devia estar morta. Já mudei o seu destino uma vez. Posso fazê-lo novamente.

No entanto, isto é uma coisa completamente diferente daquilo que fiz ao Greg. Aquilo foi um acidente, mas isto, sendo premeditado e intencional, será... homicídio? Não gosto dessa palavra. Nunca quis magoar ninguém, quanto mais matá-lo. E acho que isso não descreve o que estou a considerar fazer aqui. Se vou mesmo seguir em frente com isto, e ainda não tenho bem a certeza, então tenho de acertar à primeira.

Vou buscar à minha estante um bloco de notas *Moleskine* novinho em folha que estava a guardar para quando tivesse algo importante para escrever. Este é um projeto que justifica ter o seu próprio bloco de notas. Escrevo o seguinte:

Projeto Salvar a Ruth

1. Pode alguém merecer verdadeiramente morrer?
2. Quem?
3. Posso mesmo tirar a vida a outra pessoa?
4. Como?

Embaraçosamente, a primeira ação que tomo para responder à primeira pergunta é... procurar no Google. Estou sentada na cama, a comer pão ázimo que a Ruth deixou porque não fui às compras esta semana, a perguntar à Internet quem merece morrer. Para ser justa com a Internet, ela dá-me uma resposta: Hitler. As pessoas parecem concordar de forma bastante consensual que seria ético matar o Hitler. Obviamente, ele já está morto, por isso, não me ajuda muito. Contudo, isto dá-me ao menos um ponto de partida: provavelmente posso

sentir-me bem ao tirar a vida a alguém se essa pessoa tiver cometido genocídio.

De um modo geral, surpreende-me a quantidade de pessoas que estariam dispostas a acabar com a vida de alguém. Diria que a maioria das pessoas se enquadra num dos seguintes campos: matar nunca pode ser justificado, aconteça o que acontecer; devemos matar aqueles que são uma ameaça persistente para os outros, para evitar mais danos; devemos matar para punir aqueles que cometeram atos de maldade.

Claramente, não sou a única pessoa que pensou nisto e fez a pergunta à Internet. Há inúmeros tópicos do *Reddit* dedicados ao tema. Isto é uma coisa boa porque, esperemos, estar a pensar em acabar com a vida de alguém não faz de mim uma psicopata. Tenho um motivo. Estou a tentar salvar uma vida digna, por isso, tudo o que tenho de fazer é encontrar alguém que valha menos do que a Ruth. Deve ser fácil.

Os comentários tornam-se mais estranhos à medida que vou avançando. Por exemplo, o *HalGrandePila69* diz: *as mulheres que mentem e traem os seus parceiros merecem morrer. A namorada do meu amigo trai-o constantemente. Ela fá-lo apesar de saber o quanto ele a ama e quer que ela mude. Acho que as ruivas são mais suscetíveis de fazer isto.*

O *Merdoso8* diz: *Morte às ruivas!*

Suspiro e como outra bolacha. Bolas, Internet, estava mesmo a começar a aceitar a tua maneira de pensar. Agora estou perfeitamente ciente de que estou a receber conselhos sobre a vida e a morte de um bando de *trolls* que vivem na cave da mamã. Sacudo as migalhas do teclado do meu portátil e fecho-o.

Como já disse, há uma semana que não compro comida. Felizmente, a Ruth sugere que encomendemos comida tailandesa. Sentamo-nos no sofá com o nosso caril vermelho (vegetariano para mim), arroz pegajoso e rolinhos primavera.

— *True Crime USA?* — pergunta a Ruth, mas já está a escolhê-lo com o comando.

É o nosso programa por defeito. Tem de ser a versão americana, porque os crimes deles são muito mais interessantes do que os nossos.

Deve ser toda a repressão britânica a atrofiar a imaginação dos criminosos. Mas hoje não me apetece.

— Que tal antes uma comédia?

— Tipo o quê?

A nossa comida está a arrefecer e eu não posso estar a saltar de canal em canal através de infinitas opções.

— Ah, tens razão, o *True Crime* é mais fácil.

Ela fecha a mão num punho e dá um murro no ar.

— Boa! Há um episódio sobre canibais.

Começamos a ver, mas estou concentrada na Ruth. É bizarro vermos alguém com um coração tão bondoso completamente absorvido por histórias mórbidas. A Ruth é cheia de surpresas. No primeiro dia de aulas na faculdade de Medicina, mostraram-lhes um cadáver para eliminarem logo os que gritassem. A Ruth estava na frente da fila, completamente fascinada. Nasceu para ser médica.

Penso nisso enquanto vemos um analista comportamental a tentar explicar porque é que um homem atraía adolescentes para sua casa e lhes comia os órgãos. Quero salvar a Ruth porque gosto dela, mas ela também tem verdadeiro valor. Passar a infância a entrar e a sair do hospital deitaria abaixo a maioria das pessoas, ou pelo menos deixá-las-ia um pouco perturbadas (talvez se o canibal tivesse tido cancro nos ossos em criança, eu tivesse mais compaixão por ele). A Ruth não. Ela mal se queixava. Depois, decidiu dedicar a sua vida a salvar os outros porque queria retribuir da melhor forma que sabia. Há razões objetivas para que ela viva, mesmo que isso custe a vida de outra pessoa.

O canibal é condenado à pena de morte. As famílias das vítimas estão... não felizes, exatamente, mas aliviadas. Todas, exceto uma. É uma mulher na casa dos 60 anos, que defende o homem que assassinou a sua filha.

— Estou tão farta de todas estas mortes — diz ela. — Não quero a dele na minha consciência e, se ele morrer, nunca terá a oportunidade de sentir remorsos pelo que fez. Ele merece sentir essa dor.

— Isso é ridículo — digo. — Porque é que não o matam logo de uma vez?

— Um bocadinho rápida a julgar, não achas? Ainda nem sequer sabemos porque é que ele o fez — diz a Ruth.

Apercebo-me de que temos andado a ver este programa por razões muito diferentes. Eu gosto de ver o mau da fita ser apanhado. A Ruth quer compreendê-los.

— O que é que interessa saber porquê? Ele comeu pessoas.

— Então, no processo de o castigarmos, tornamo-nos nós assassinos?

— Não é a mesma coisa. Não achas que ele merece?

Ela encolheu os ombros.

— Quem somos nós para decidir? É uma linha que nunca deveria ser ultrapassada.

— E se matar uma pessoa pudesse salvar outra?

— Como o problema do elétrico?

Anuo com a cabeça.

— Claro, e obviamente sei o que isso é, mas para benefício dos outros presentes...

Faço um gesto para o sorridente gato de porcelana deslocado que se encontra em cima da nossa mesa de centro. Comprei-o numa feira da ladra. A Ruth acha que é assustador e possivelmente assombrado, mas eu acho que tem caráter.

Ela sorri.

— É um problema de filosofia moral. Uma carruagem dirige-se para cinco pessoas que estão amarradas à linha. Podes deixá-las morrer ou podes puxar uma alavanca e desviar o elétrico, mas ele vai atropelar uma pessoa amarrada à outra via. O que é que fazes?

— Puxo a alavanca.

— É o que a maioria das pessoas diz — diz a Ruth. Ela está como peixe na água em situações como esta. — Mas a alavanca permite-nos distanciarmo-nos da morte. E se tivesses de ser tu a fazer o trabalho sujo? Se a única forma de travar o elétrico fosse empurrando uma pedra para os carris com uma só pessoa, fazendo com que morresse esmagada, fá-lo-ias?

— É mais ou menos como a diferença entre comprar frango no supermercado ou matá-lo com as próprias mãos? Acho que o faria na mesma. Cinco pessoas valem mais do que uma. Seria egoísta não o fazer.

Ela ri-se.

— Vês, já semeiei alguma dúvida. É difícil quando se trata de matar uma pessoa, que é o que estamos a pedir a alguém que faça quando

aplicamos a pena de morte. Tenho um manual escolar antigo de uma aula de Filosofia e Ética, se quiseres ler mais sobre isso.

— Sim, isso seria ótimo. E tu, puxavas a alavanca?

— Quero dizer que sim. A maioria das pessoas acha que é a atitude moral a tomar, mas não tenho a certeza se o conseguiria.

A Ruth dá-me o seu manual escolar antes de ir para a cama. Tem mais de quinhentas páginas e pesa uma tonelada, mas se vou tirar a vida a alguém, então devo a essa decisão o respeito de ler um único livro sobre o assunto. Além disso, tenho cinco meses para o acabar. Ponho a luz de cabeceira no nível mais brilhante e sento-me direita na cama, determinada a ler cem páginas esta noite. Chego à página cinco antes de adormecer.

Acordo com o calhamaço da Ruth em cima do peito e os meus óculos de leitura ainda postos. Até agora, tudo o que sei é que, provavelmente, não faz mal matar o Hitler ou um canibal. Embora a Ruth não concorde com a segunda hipótese.

Estou dez minutos atrasada para o trabalho, o que é bastante bom para mim, mas a Zara ainda parece querer torcer-me o pescoço.

— Tens noção de que o horário de trabalho das nove às cinco não é uma sugestão?

Acho que é o fim da Zara suave, vulnerável e de luto pelo amigo. Foi o que pensei no final da semana passada, quando ela se zangou comigo por não ter lavado a sua caneca preferida (ia fazê-lo... só que mais tarde), mas agora tenho a certeza.

— Desculpa — digo, conseguindo à justa não revirar os olhos. Sinceramente, com o meu período experimental a chegar ao fim, tenho tentado ser simpática, mas estou a tratar de assuntos de consequências mortais e a Zara preocupa-se com o facto de eu estar a porra de dez minutos atrasada. Ela tem de definir melhor as suas prioridades.

A Zara suspira e massaja as têmporas. Se ela soltasse o cabelo de vez em quando, não teria tantas dores de cabeça.

— Com as avaliações anuais a aproximarem-se, não faço ideia de como nos vamos desenrascar. Não podia ser pior altura para ter um membro da equipa a menos, e depois de todo o tempo que dediquei a recrutá-la...

Ela está a falar da nossa última contratação, cuja mãe morreu no seu quinto dia de trabalho aqui. A nossa empresa permite uma licença ilimitada e não remunerada por motivos de compaixão. Na verdade, foi uma das políticas que a Zara defendeu, mas acho que ela não esperava que alguém a utilizasse durante tanto tempo. A nossa nova aquisição está ausente há um mês.

— Não é como se ela tivesse feito de propósito, Zara. Sabes que a mãe dela morreu, certo?

Ela estremece perante essa palavra: *morreu*. Porque é que toda a gente tem de dizer perdeu, faleceu ou desapareceu? Como se as palavras que usamos tornassem a verdade menos terrível. É estranho para mim ver o esforço que as pessoas fazem para evitar algo com que inevitavelmente vão deparar, quer como vítimas, quer a chorar por elas. Talvez seja por isso que a morte é sempre um choque tão grande para as pessoas. Talvez eu seja apenas cínica.

— Eu sei disso — responde ela, com brusquidão. — Isso significa que não terás queixas quando eu te pedir para ficares até tarde esta noite?

Cruzo os braços para esconder os punhos cerrados.

— Claro que não.

— Ah, e tenho andado para te dizer que enviaste o formulário de avaliação de formação errado, por isso o último lote é inválido. Tens de tratar disso.

Agora já me lembro. A Zara atualizou a formatação e algumas das formulações das perguntas.

— Porque é que isso importa? De certeza que as respostas vão ser as mesmas.

— Mas serão respostas às perguntas erradas. Temos de fazer uma triagem. Consegues tratar disso?

Ela fala sempre comigo como se eu fosse uma criança.

— Consigo tratar de alguns formulários.

— Só te estou a pedir porque, se fosse possível confiar em ti para fazeres as coisas corretamente, isto não teria sequer acontecido, pois não? Os pormenores são importantes, Thea. Tens de parar de fazer as coisas à pressa sem depois te dares ao trabalho de garantir que as coisas estão feitas em condições.

Estou a ferver. A Zara é o pior tipo de pessoa que se pode imaginar. Alguém que se orgulha do facto de os procedimentos administrativos serem tão complicados quanto possível, porque se ela for a única pessoa que se consegue orientar neles, as outras pessoas têm de se vergar perante ela. Esta é a única forma de conseguir ter poder na sua pequena e insignificante vida. Aceitei este emprego pela experiência jurídica de lidar com contratos de trabalho, mas a Zara não me deixa aproximar de nada importante. Ela atribui-me especificamente o trabalho administrativo mesquinho que sabe que eu abomino. Talvez seja um castigo por se ter arrependido de me ter contratado. Não consigo perceber o que é que a Ruth alguma vez viu nela. Chegou mesmo a chorar quando a Zara a deixou — por mensagem, alegando incompatibilidade de horários de trabalho. A história devia ter ficado por aí, mas elas continuaram a dar de caras uma com a outra. Literalmente. A Zara vive perto de nós e elas partilham os mesmos percursos de corrida, pelo que se tornaram amigas de treino. Depois, amigas a sério. Agora, nunca mais me vou ver livre dela.

— E, por favor, usa o teu cartão de identificação quando estiveres pelo escritório — diz ela, passando-me a minha fita.

Evito usá-lo porque o fotógrafo me apanhou com os olhos meio fechados, o que me faz parecer permanentemente embriagada.

As suas mãos perfumadas com bergamota e sândalo deslizam sobre as minhas e fazem-me lembrar os sessenta e cinco anos que ela tem reservados. O que é que a Zara fez para merecer uma vida tão longa? Há qualquer coisa naquela fragrância que faz disparar algo dentro de mim. E esta parte não é culpa dela, porque ela não devia saber que a bergamota e o sândalo despertam memórias que me esforcei por esquecer, mas esse conhecimento não impede o veneno que vem à tona a borbulhar. Penso em como algumas pessoas podem ser cruéis, na maldade com que contribuem para o mundo e em como não são merecedoras da vida. E é um acidente, juro, mas a vida dela começa a fluir para dentro de mim. Recuo a minha mão, deixando cair a fita no chão.

Merda. Não tinha intenção de o fazer. Acho que não levei os sessenta e cinco anos inteiros, mas como raio é suposto saber agora o que fiz? Esta coisa não veio com um manual de instruções.

A Zara pega na fita.

— O que foi isso?

— Eletricidade estática — respondo-lhe, demorando algum tempo a recompor-me. Ela passa-me a fita novamente e eu tento lembrar-me do que fiz com a Ruth, deixar a energia fluir, como se fosse água num riacho.

Acho que consegui pô-la no sítio. A energia parece... ausente. Mas não me atrevo a tocar na Zara outra vez para verificar, porque ela está a fazer aquela coisa de franzir o nariz como se eu fosse um mau cheiro, e o meu veneno contra ela está a aumentar outra vez.

Não me tinha apercebido de quão cuidadosa tenho de ser com esta capacidade. O meu temperamento sempre foi mais uma peculiaridade da minha personalidade do que um problema. Um ex-namorado descreveu-me uma vez como uma borboleta zangada. Agora que isso pode matar alguém, já não parece tão fofo.

Como pedido de desculpa silencioso, esta semana fico até mais tarde todos os dias. A minha culpa faz de mim uma funcionária exemplar e, no final da semana, tenho mais carinhas verdes sorridentes no quadro branco do que o resto da nossa equipa em conjunto. Mal consigo olhar a Zara nos olhos porque, sempre que o faço, lembro-me de que quase a matei por causa de um formulário de avaliação e, apesar da minha frustração com ela, sei perfeitamente que ela não merece morrer. Mas alguém vai ter de morrer. Meu Deus, gostava que alguém me dissesse qual é a coisa certa a fazer nesta situação. Não fiz progressos nenhuns no Projeto Salvar a Ruth. O manual de ética que ela me emprestou continua no lado vazio da minha cama, com o canto da página cinco dobrado.

No fim de semana, a Ruth decide visitar a nossa terra natal para ver a família. Têm uma... relação complicada. Ela é a mais nova de cinco irmãos, todos eles incrivelmente bem-sucedidos. As reuniões de família são mais avaliações de desempenho do que uma oportunidade para passarem tempo de qualidade juntos. Ainda assim, ela visita a nossa terra com mais frequência do que eu.

— Posso deixar-te na tua casa, se quiseres vir também. Já não vais lá há algum tempo, pois não? — pergunta-me na sexta-feira à noite.

Estremeço. Oito meses. Da última vez que fui a casa, eu e o meu avô discutimos. Tinha estado na aldeia vizinha a beber uns copos com uns amigos. Perdi o telemóvel. E a mala. Depois demorei uma eternidade a convencer alguém a emprestar-me dinheiro para um táxi. Quando finalmente regresssei, eram duas da manhã. Tentei entrar à socapa com a graciosidade de um rinoceronte bebé bêbedo. O meu avô desceu as escadas a correr, de pijama, a brandir uma espada tão alta como ele próprio — ele é um fanático da História e a espada é cerimonial —, mas não deixou de ser uma visão alarmante para alguém que tinha estado a beber dois cocktails pelo preço de um durante toda a noite, pelo que o resultado foi que acabei por partir um vaso antigo. Mais um argumento da minha falta de fiabilidade e responsabilidade.

— Não temos falado muito desde a discussão.

— Vocês estão sempre a discutir e depois acabam sempre por fazer as pazes.

— Eu sei. Só não sei porque é que ele assume sempre uma intenção tão maliciosa quando se trata de mim. Nunca é: «Fizeste uma coisa egoísta», mas sim «És uma pessoa egoísta». Em vez de aceitar as minhas desculpas, ele quer que eu mude toda a minha personalidade. O que é suposto fazer com isso?

— Só porque ele não o diz, não quer dizer que não tenha saudades tuas.

Por insistência da Ruth, e com o pressuposto de que posso escolher as músicas que vão tocar no carro, concordo em ir com ela.

Mas essas não são as únicas razões que me levam a concordar. Alguém precisa de morrer para salvar a Ruth, e não me parece que um livro me vá ajudar. Na altura, posso não ter apreciado a minha infância com castigos corporais (um ligeiro exagero, admito), mas se há uma pessoa que sabe distinguir o certo do errado, é o meu avô. Chefe da vigilância do bairro, organizador do grupo local de Ajuda aos Heróis e guardião não oficial da comunidade. Nunca deparou com um dilema moral que não conseguisse resolver. Só preciso de descobrir como pedir as respostas que procuro.

Capítulo 4

Não vamos às compras quando temos fome, por isso, não matamos quando estamos zangados.

Normalmente, são precisos três comboios e um táxi para chegar a casa, mas no *Mini Cooper* da Ruth demoramos menos de uma hora. Atravessar a aldeia de carro faz-me lembrar de como passámos as nossas infâncias. Não há muito para ver. Uma igreja, um *pub*, uma mercearia, duas lojas de beneficência e, aleatoriamente, uma manicura, que tenho quase a certeza de que é uma fachada. Mas também há a loja ao pé da escola onde costumávamos comprar gomas e o parque infantil para onde íamos à noite, quando achávamos que isso era uma coisa fixe de se fazer. A Ruth é dez anos mais nova do que o seu irmão a seguir e, como tal, tinha-a praticamente só para mim na maior parte dos dias.

Passamos por uma estátua de cobre do fundador da nossa aldeia e peço à Ruth para abrandar.

— Lembras-te do que fizeste àquele pobre homem, Ruth?

— Não me lembres.

— Cone de trânsito na cabeça, biquíni cor-de-rosa fluorescente e um pénis pintado com spray. Humilhante. Provavelmente ainda se está a revirar no túmulo.

— Não tentes culpar-me pelo pénis. Tu é que és a pervertida — diz ela, fingindo desaprovação, mas eu consigo ver um sorrisinho a aparecer.

A Ruth pode fazer-se de boa rapariga, mas há ali um traço de rebeldia. É por isso que ela me atura. Ela sabe que, sem mim, teria passado toda a sua infância na biblioteca.

— Seja como for, tu adoraste — digo.

— Posso dizer categoricamente que não gostei. Pilas não são bem a minha cena.

Rimo-nos as duas, mas à medida que nos aproximamos da casa do meu avô, fico calada e começo a retirar os resquícios do meu verniz verde.

— Ele vai ficar contente por te ver, Thea.

— É fácil para ti dizeres isso. Ele acha que cagas raios de sol.

O facto é que as discussões nunca foram o problema. Sempre andámos às turras. O meu avô é de uma geração diferente: acredita que o aquecimento central é uma burla, que a gripe pode ser evitada simplesmente com força de vontade e que o país se desmoronou sem ter tido uma guerra para travar. Para ele, as crianças respeitam os mais velhos. O facto de eu ser adulta nunca teve qualquer influência nessa questão.

Mas há outra coisa, algo que não contei à Ruth. Foi quando parámos de discutir e ele disse: «Às vezes, és mesmo parecida com o teu pai.»

Lembro-me da suave derrota na sua voz. A forma como ele pareceu encolher, o papel de parede floral, cor de laranja e verde, a agigantar-se à volta dele. Não falamos dos meus pais. Sempre que tentei, foi como se a garganta do meu avô se contraísse. Por isso, ouvi-lo a comparar-nos e a exprimir uma tal... desilusão... Não consegui compreender. E assim continuo.

Foi por isso que deixei essa parte de fora. Não sei como explicar porque é que isso me incomoda tanto. Simplesmente incomoda.

Ela dobra a esquina e a casa fica à vista. Dois quartos, exterior de crespido granitado com janelas de plástico branco. Sempre que venho de visita, parece mais pequena, apesar de nada ter mudado. E digo mesmo nada — há um placard junto à porta que ainda tem avisos de há vinte anos.

O meu avô está agachado no jardim da frente, a plantar prímulas. Está com bom aspeto, olhos azuis brilhantes e um rosto corado com um brilho saudável.

— É melhor ires embora antes que ele te veja, se quiseres chegar a casa antes do jantar — digo eu.

A Ruth vive numa enorme casa senhorial, mas fica do outro lado da aldeia, no lado bom.

Ela anui com a cabeça e consulta o relógio.

— Boa ideia. Quero chegar lá antes dos outros.

Abro a porta e ponho a mala ao ombro.

— Não é uma competição, lembra-te. E se começar a parecer uma competição, lembra-te de que o Max, na verdade, é aborrecido como o caraças, a Ava tem, efetivamente, um problema com a cocaína, a mulher do Robin disse-me que ele não consegue ter uma ereção a não ser que ela lhe dê estalos, e a Abigail... na verdade, ela até é meio que fantástica. Seja como for, os teus irmãos não são melhores do que tu. Desfruta do teu fim de semana.

Fecho a porta e o meu avô levanta o olhar. Fico grata por ele não se mexer para me cumprimentar, porque eu não ia aguentar saber quanto tempo lhe resta de vida. Um problema de cada vez. Parece bastante fácil evitar descobrir as datas de morte das pessoas, não lhes tocando. Não prevejo que isso seja um problema para mim e para o meu avô, porque acho que o último contacto físico entre nós foi quando ele verificou a temperatura na testa desta jovem quando tinha 17 anos. Na verdade, estava de ressaca, mas ele não precisava de saber isso.

— Chegaste mais cedo do que eu esperava — diz ele.

— Foi sempre a andar.

Ele levanta-se, com uma mão nas costas enquanto se endireita cuidadosamente.

— Espero que a Ruth tenha vindo com cuidado. As pessoas saem da cidade e esquecem-se de que não se pode tratar as estradas do campo da mesma maneira. E os buracos são simplesmente traiçoeiros, absolutamente traiçoeiros.

Estremeço. Ambos conhecemos o resultado de uma condução perigosa, os danos irreparáveis causados por alguém que não teve em

conta as consequências de fazer uma curva demasiado depressa ou de ter bebido um copo a mais no *pub*.

— É a Ruth: ela é sempre cuidadosa. — Há um momento de silêncio, depois digo: — Bem, vou entrando para arrumar as coisas.

Dirijo-me à porta das traseiras.

— Thea — chama ele.

Pousa o sacho e estica o pescoço. Olha para mim por breves instantes. Pergunto-me se irá dizer alguma coisa sobre a nossa discussão. Ou devia ser eu a abordar o assunto? Já está presente, na frente da minha mente e na ponta da minha língua, por isso qual é o mal em falar sobre isso?

— Sim? — pergunto.

— O jantar é às seis e meia.

O jantar é um assado. Insisto sempre que ele não precisa de ter tanto trabalho, mas ele nunca me ouve. Também não compreende bem o conceito de vegetarianismo, por isso o meu assado consiste numa pilha de batatas, cenouras, brócolos e couve-flor gratinados com queijo, tudo encharcado em molho. Não me oponho. De qualquer forma, são os melhores bocados.

Mantemos a conversa ligeira. Ele faz perguntas sobre o trabalho, e eu respondo que está tudo bem. Pergunto-lhe sobre o museu de História onde é voluntário duas vezes por semana e ele conta-me longas histórias sobre pessoas que nunca conheci. Também estão a concorrer para receber uma doação de artefactos históricos — uma coleção de medalhas e o diário de um soldado. Ele está muito entusiasmado com isso. A casa já está cheia de recordações do tempo da guerra. Na sala de jantar, está pendurado um quadro enorme de um *Spitfire*, e, no entanto, não há uma única fotografia dos meus pais. A única recordação visível é a fotografia de casamento a preto-e-branco do meu avô, que se encontra por cima da lareira numa pequena moldura dourada. Como é que alguém que passa o tempo a preservar o passado se esforça tanto por enterrar o seu?

Mas não estou aqui para falar dos meus pais. Águas passadas não movem moinhos. Preciso dos conselhos do meu avô, mas primeiro tenho de descobrir como lhos pedir.

Se há uma coisa que faz o meu avô falar, são aviões. Ele esteve na RAF. Principalmente em funções cerimoniais e trabalho de escritório, mas sei que chegou a estar no serviço ativo — essa é a parte em que ele é mais evasivo.

Ele acaba o seu segundo copo de vinho tinto (pensa que é o primeiro, mas eu tenho estado a enchê-lo sem que ele repare) e fala-me de uma das muitas características «fascinantes» do design do bombardeiro *Vulcan*. Uso isto para desviar a conversa para o seu tempo de piloto, fingindo estar interessada no tipo de aviões que ele pilotava. E quando ele já vai lançado, pergunto o que realmente quero saber:

— Alguma vez mataste alguém?

Ele abana a cabeça.

— Não sei.

— Como é que isso é possível?

Ele olha para o copo vazio.

— Provavelmente.

— Como é que foi?

— Não sei.

— Como assim, não sabes? Deve sentir-se qualquer coisa quando se mata uma pessoa.

— Não vale a pena pensar no que sinto. Fiz o que o meu país me pediu, mas isso não faz com que esteja certo. — Ele fica em silêncio e consigo perceber que a sua garganta está a ficar contraída. Ele tosse para disfarçar. — Porque é que me estás a perguntar essas coisas?

— Não percebo. Adoras falar sobre a guerra, então porque é que não falas sobre a tua própria experiência?

— Não adoro falar sobre a guerra, Thea. Acho que é importante honrar o que aconteceu, para nos lembrarmos do que nos custou... mesmo que, na altura, parecesse que estávamos a fazê-lo pelas razões certas.

— Então, o que estás a dizer... nunca há uma boa razão para ir para a guerra? E a Segunda Guerra Mundial? De certeza que essa foi justa.

— O certo e o errado não são conceitos mutuamente exclusivos. Ter uma boa razão para fazer uma coisa terrível não a torna menos terrível. Especialmente se formos nós a decidir o que é moral e o que não é. — Ele abana a cabeça. — Vamos pôr estes pratos de molho.

*

Arrumamos tudo num silêncio amigável e às nove e meia já estou na cama. O meu quarto tem o mesmo papel de parede cor de laranja e verde que o corredor, que tentei cobrir com capas a contrastar da antiga coleção de vinil dos meus pais. Rolling Stones, ABBA, Blue Öyster Cult, Madonna, Queen e Carole King. Com eles a pairar sobre mim, é impossível não pensar no que o meu avô disse: *és mesmo parecida com o teu pai*. Porque é que não haveria de ser? Não consigo parar de pensar nisso. Neles. Depois, inevitavelmente, em como morreram. A última noite que passei com eles, quando fomos até à floresta para fazer um piquenique do McDonald's — uma ideia do meu pai, ele era sempre divertido, o que é uma das coisas mais nítidas que recordo dele. Caminhámos por entre as árvores, a minha mãe a segurar-me a mão esquerda e o meu pai, a direita, balançando-me sobre as poças enquanto eu dava risadinhas, até encontrarmos um banco sossegado para ver o pôr do sol. Foi um fim de tarde perfeito. Até ao regresso a casa, quando a minha infância foi destruída por luzes intermitentes, pneus a chiar e borracha queimada.

É uma memória que me esforcei muito por reprimir, mas estar aqui de volta torna isso difícil. Embebedar-me até apagar provou ser um remédio eficaz para suprimir memórias traumáticas, e acho a dor de cabeça preferível aos pesadelos, mas eu e o meu avô acabámos com o vinho ao jantar. Não há mais nada em casa além de *ouzo*, e nem eu deço tão baixo.

Pergunto-me porque não os consegui salvar. Este poder veio até mim para salvar a Ruth, mas porque não eles?

Não obtenho resposta. Em vez disso, tento contar carneirinhos, respirar fundo e concentrar-me nos redemoinhos do teto texturado. Mais uma vez, a noite é preenchida pelo som do grito da minha mãe e pela imagem da sua cabeça a bater no tabliê.

Lembro-me dos faróis do outro carro, iluminando o conteúdo dos destroços com um nível de pormenor doloroso. E de um vulto a caminhar na nossa direção. Os vidros são esmagados sob os seus pés, e depois param. Os faróis cegam-me e não consigo perceber o seu rosto. Nos meus sonhos, tento concentrar-me, como se pudesse encontrar

algum fragmento de memória que se perdeu, em vez de nunca se ter formado. Imaginei-os com tantos rostos que formei uma composição quase humana na minha mente, que é, sem dúvida, errada e mais aterradoradora do que a realidade.

Nos meus sonhos, debato-me com o cinto de segurança, tentando ver melhor, porque, se tivesse conseguido descrever o rosto há tantos anos, talvez tivessem apanhado quem causou aquilo e talvez a morte dos meus pais não tivesse ficado impune. Por vezes, é um homem; outras vezes, é uma mulher. Uma vez, vi olhos verdes; outras vezes, azuis. O nariz já foi reto, com um alto e torto. Sempre que penso que finalmente consigo vislumbrar como deve ser a pessoa, ela baixa a cabeça e vira-se. O motor ganha vida e o carro arranca.

Depois do segundo pesadelo dessa noite, fico acordada a pensar para com os meus botões que, se quisesse mesmo matar alguém — não porque tivesse de o fazer, mas por *querer* fazê-lo — seria essa pessoa.

Na manhã seguinte, vamos à igreja. Há anos que não vou lá, mas está exatamente na mesma. Passadeiras vermelhas, filas de bancos de carvalho entalhado e aquele almíscar religioso característico que é, na verdade, apenas falta de circulação de ar. Até as faixas de tecido penduradas por cima dos bancos são as mesmas.

Costumava ir à catequese todas as semanas e cantar hinos no coro, e ainda uso uma pequena cruz ao pescoço. O meu avô é o culpado pelas duas primeiras coisas, embora eu até goste bastante das canções. «All Things Bright and Beautiful» é uma bela melodia. A cruz foi uma prenda do meu pai. É de prata e tem uma pedra de turmalina preta no centro que supostamente afasta os espíritos das trevas — parece que o meu pai estava mesmo a tentar jogar pelo seguro.

O meu avô obriga-me a assistir à missa de domingo sempre que o visito, o que explica, de certa forma, o facto de eu não voltar muitas vezes. Estamos na terceira fila a ouvir o sermão do vigário. Não estou a prestar atenção, são todos sobre amor e perdão. Em vez disso, estou a pensar se posso apanhar um comboio mais cedo para Londres. Esta viagem foi um fracasso. Também não sei do que estava à espera.

Posso não estar a ouvir o sermão, mas há qualquer coisa na voz estrondosa do vigário e nos tetos de pedra gigantescos da igreja que me faz sentir culpada. Como se alguém soubesse o que fiz ao Greg, e o que quase fiz à Zara. Começo a pensar que talvez a Ruth e o meu avô tenham razão e que tirar uma vida nunca é justificável. A Bíblia certamente parece pensar assim, porque o vigário está a falar em darmos a outra face. Além disso, se o poder de tomar esta decisão fosse dado a alguém, porque haveria de ser eu?

Depois, lembro-me de que a Bíblia está cheia de violência. A sério. Aqui está uma lista de coisas pelas quais a Bíblia diz que as pessoas devem ser mortas:

1. Não dar ouvidos a um padre.
2. Ser adivinho (apedrejamento por esta).
3. Adultério.
4. Ser gay.
5. Bater na mãe ou no pai.
6. Praguejar contra a mãe ou o pai (Uau, isto é claramente uma tática parental!).
7. Não ser crente.
8. Ter relações sexuais antes do casamento (apedrejamento, mas só para as mulheres).
9. Invocar o nome do Senhor em vão (outro apedrejamento).
10. Trabalhar num domingo (na verdade, é justo).

Ah, e se houver uma pessoa numa aldeia que adore outro deus, mata-se a aldeia inteira, para jogar pelo seguro. Para sermos justos, quase todas estas coisas vêm do Antigo Testamento; o Livro do Levítico, para sermos precisos, que a maioria dos cristãos ignora de bom grado, a não ser que tenham uma pancada qualquer por causa do casamento gay, mas essas mesmas pessoas parecem não ter problemas nenhuns em continuarem a comer bacon e camarão (que Deus considerava uma abominação na Bíblia — parte I, mas que, aparentemente, mais tarde, reconsiderou e mudou de ideias. Acho que toda a gente tem direito ao desenvolvimento do seu carácter). Seja como for, o que quero dizer é que a maior parte das religiões é um monte de merdas inconsistentes

e o mundo tem sorte por eu não estar a recorrer a elas para obter conselhos.

Há uma máquina de café na sala nas traseiras da igreja e as pessoas gostam de ficar por lá a conversar durante pelo menos uma hora depois da cerimónia, a trocar mexericos e a exhibir os filhos. Não me parece ser a onda de Jesus, mas o meu avô adora qualquer oportunidade para conversar com os habitantes locais, por isso, obriga-nos a ficar. A Sra. Palmer encurrala-me junto a um enorme arranjo de cravos. Não me consigo mexer sem a derrubar a ela ou a eles.

— Thea, minha querida, temos sentido a tua falta na igreja. Por favor, diz-me que estás a tomar conta de ti na cidade.

Ela diz a palavra *cidade* com desdém. A Sra. Palmer é a mãe de um rapaz que foi meu colega na escola e que costumava cortar madeixas do meu cabelo nas aulas de trabalhos manuais. Tiveram de o proibir de usar tesouras.

— Não é assim tão mau, Sra. Palmer. Só fui assaltada umas duas vezes. O truque é intimidá-los com o olhar, como aos ursos.

Claramente, ela não deteta nenhum do sarcasmo na minha voz e respira fundo.

— Que horror. Sabes, o meu Sebastian arranjou emprego aqui na aldeia. Talvez ele te possa dar alguns conselhos. Deixa-me ver se o encontro para falar contigo.

No momento em que ela se vira, eu fujo, ansiosa por evitar perder mais pedaços de cabelo. Dirijo-me para a porta lateral que dá para o cemitério, porque é, de longe, preferível a um sermão sobre os benefícios da vida no campo dado pelo palerma do filho da Sra. Palmer. Tento agarrar a maçaneta, mas a porta abre-se na minha direção e sou atingida por um grande sopro de perfume de bergamota e sândalo. Uma mulher com a pele flácida e salpicada de verrugas, envergando uma comprida saia floral e sandálias de plástico, passa a entrada. O meu peito gela, o meu coração fica demasiado chocado para bater. Estou a olhar para o rosto do mal. A minha antiga professora: Frances Wells.

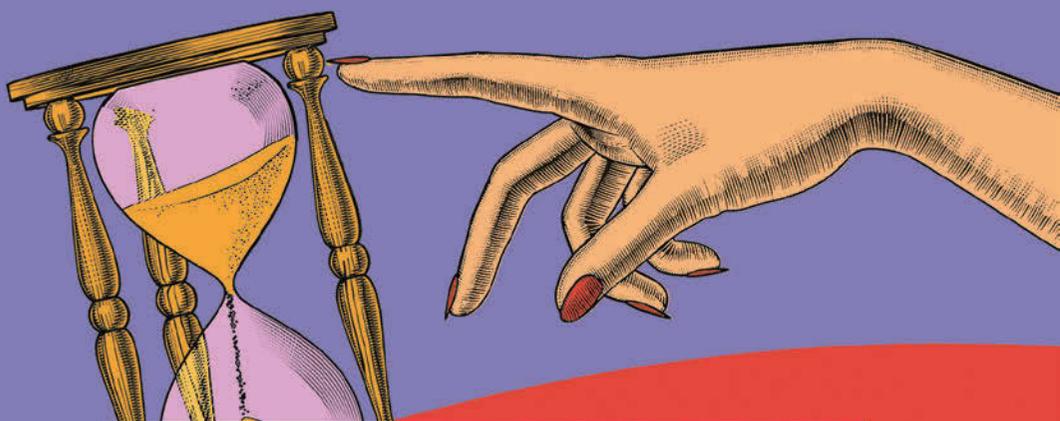
«Um livro inteligente e cativante.»

The Times

Thea tem um segredo. Consegue saber quanto tempo alguém tem de vida com um simples toque. Além disso, é capaz de transferir tempo de vida de uma pessoa para outra, algo que descobre da pior maneira, numa noite em que Ruth, a sua melhor amiga, sofre um grave traumatismo craniano. Sem pensar duas vezes, Thea escolhe salvá-la. Depois disso, nada voltará a ser igual.

Thea apercebe-se de que tem uma espécie de poder divino e decide usar as suas capacidades apenas para o bem, recorrendo à criação do seu próprio código de ética para a ajudar a determinar quem deverá ser merecedor. Mas quando embarca na missão de castigar as pessoas más para poder recompensar as boas, constata que as coisas não são assim tão simples.

Afinal, como pode ela saber quem merece realmente morrer? Antes que o tempo que conseguiu dar a Ruth se esgote, Thea terá de perceber se as suas regras são tão justas como inicialmente lhe pareceram e confrontar-se com os dilemas morais que lhe vão surgindo pelo caminho.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-581-2



9 789895 835812